

# Desafios de uma rádio universitária diante do compromisso com a educação e a cidadania\*

Natercia de Souza  
Lima Bukowitz

Palavras-chave: rádio;  
cidadania; cultura; ideologia;  
educação.



Ilustração: Thais Yoshida

\* Esta pesquisa foi realizada de agosto de 2000 a julho de 2001, dentro da linha de pesquisa "Educação e construção de sentidos no cotidiano", da Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Petrópolis (UCP), com a participação da aluna bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Fabiana Eckardt Rodrigues.

.....

Não podemos nos cegar pelo espetáculo da diversidade a tal ponto que sejamos incapazes de ver as desigualdades estruturadas da vida social.

John B. Thompson

**A** visita dos graduandos em Pedagogia ao estúdio da Rádio da Universidade Católica de Petrópolis tem ocorrido no contexto de aulas-passeio, prática concebida por Freinet, surgindo questões relacionadas com a possibilidade do uso pedagógico da Rádio. A inserção dos universitários levaria os ouvintes ao exercício da cidadania, hipótese do presente estudo. Situações ligadas a crenças, *status* e poder nos remeteram à Teoria das Representações Sociais. Apoiando-nos na Hermenêutica da Profundidade, a investigação deu-se em dois níveis: a partir dos emissores e dos receptores das mensagens. Opiniões do coordenador da emissora permitiram, no sentido a que Thompson refere-se, identificar a ideologia subjacente à formação das representações para "cultura" e "educação". Resultados revelaram haver coerência entre conteúdos veiculados na programação e a ideologia presente na administração centralizadora da emissora. Índices de audiência

assinalam a necessidade de reformulação das mensagens, reivindicação dos grupos pesquisados, em defesa de uma Rádio que promova a cidadania, difundindo a cultura e a educação.

## Introdução

Esta pesquisa delineou-se a partir de reflexões sobre visitas de estudantes do Curso de Pedagogia à Rádio da Universidade Católica de Petrópolis (Rádio UCP – 106,3 FM), atividades que buscam a integração e a apropriação dos recursos tecnológicos disponíveis na instituição. O alunado, em sua rotina cotidiana, não tem tido oportunidade de valer-se dos benefícios que poderiam advir de uma interação mais efetiva com a Rádio, em funcionamento há 20 anos. Tais visitas ocorrem sempre no contexto de uma aula-passeio, prática concebida pelo educador francês Celestin Freinet, ardoroso defensor da livre-expressão e da idéia de trazer a vida para dentro do espaço da sala de aula. Observando-se atentamente o conteúdo dos anexos dessa pesquisa, pode-se verificar por que, nestas ocasiões, expressões lingüísticas e imagéticas utilizadas pelos estudantes para interpretar o vivido foram cruciais para provocar o surgimento de questões relacionadas com o uso pedagógico da Rádio, indagações que serviram de balizamento para nosso estudo, apresentadas a seguir:

- que localidades do município de Petrópolis são atingidas pela transmissão da Rádio UCP?
- é possível traçar o perfil do ouvinte da Rádio UCP?

- há objetivos, claramente definidos, norteando a programação da Rádio UCP?
- dentro da programação já existente, há indícios de compromisso com a educação? E mais, ainda: uma programação de caráter educativo poderia contribuir para despertar, ou resgatar nos cidadãos, noções de ética e moral, a partir da discussão de temas emergentes atuais?

Questões aqui levantadas indicaram que a pesquisa sustenta-se na argumentação de que um trabalho interativo dos alunos do curso de Pedagogia com a Rádio UCP poderia influenciar positivamente a população ouvinte da Rádio para o exercício crítico e consciente da cidadania.

Os objetivos da pesquisa vieram à tona quando significativa parcela de alunos visitantes expressou o desejo de levar o debate educacional para o espaço radiofônico. Nessa oportunidade, houve a retomada de discussões, tais como moralidade e cidadania, temas abordados nas disciplinas do curso, ficando assim elencados tais objetivos:

- delinear o perfil do ouvinte da Rádio UCP;
- identificar os objetivos do funcionamento da Rádio UCP;
- criar um programa educativo, para veiculação semanal, editado por alunos e professores do curso de Pedagogia.

## Quadro teórico

Freinet, em sua extrema simplicidade camponesa, demonstrou magistral sabedoria quando transpôs os muros que circundam a escola, buscando na sociedade e na cultura os elementos necessários à realização de uma autêntica educação.

Sendo assim, é Freinet (1978) quem dá o suporte inicial para nossa pesquisa, porque compreendemos, tal como ele, que a escola, e a universidade por extensão, é um organismo vivo, que age e interage continuamente com a comunidade na qual se localiza, sendo afetada por ela, mas também sendo capaz de transformá-la. A Pedagogia Freinet, por ter suas bases firmadas numa concepção humanista, preocupa-se com a valorização do homem e do trabalho que este realiza. É pelo trabalho e pelas diversas formas de expressar-se que ele transforma a sociedade e é também transformado.

Portanto, os pressupostos de Freinet (1976) não deixam também de ser os da moralidade, por propor uma Pedagogia e uma convivência calcadas no diálogo, no respeito mútuo e, por conseguinte, na justiça. Por este motivo, procuramos também respaldo em Piaget e Kohlberg, estudados por Duska e Whelan (1994), que igualmente nos falam da possibilidade de uma moral em formação, evoluindo dos estágios de anomia e heteronomia para o de autonomia. Piaget nos falou sobretudo de uma moral em desenvolvimento e que o ápice desse processo acontece quando o sujeito é capaz de identificar-se com o outro, quando é capaz de coordenar seus pontos de vista com os de outras pessoas e de colocar-se no lugar do outro antes de julgá-lo. Kohlberg demonstrou que a criança intrinsecamente busca valores e espontaneamente faz julgamentos do "bem" e do "mal", sobre os outros, sobre os objetos e sobre si e seus próprios atos. Demonstrou empiricamente que a moralidade não é uma estrutura imposta pela sociedade: a aprendizagem e o relacionamento com os outros são fatores que influenciam, mas não são o fundamento principal. A moral do jovem e do adolescente não seria simplesmente uma adoção de modelos culturais particulares oferecidos pela sociedade à qual pertencem, sendo, portanto, uma estrutura transcultural. Para atingir o nível mais elevado do desenvolvimento moral, ou da consciência dos princípios universais de justiça e respeito pela dignidade dos seres humanos, seria necessário por em discussão a "visão da sociedade", questionando-a. É uma perspectiva que supera a sociedade, um ponto de vista que permite ver o próprio sistema como algo que pode ou não coincidir com uma ordem ideal (Duska, Whelan, 1994, p. 58).

Existem convergências substanciais entre as visões de Piaget e Kohlberg, sobretudo quando avaliam a maturidade moral de uma pessoa. Neste caso, consideram de extrema importância orientar-se não apenas pelas atitudes externas das pessoas, mas pelas razões que apresentam para praticar, ou não, uma determinada ação. Destacam ser crucial que as relações estabeleçam-se entre iguais, embora reconheçam o valor e a autoridade das pessoas mais experientes. Nessas relações, o autoritarismo e a opressão são prejudiciais, quando se tem como objetivo alcançar a autonomia e a conquista da cidadania.

Intervir ou sugerir mudanças na programação da UCP-FM, para que venham a contribuir para a formação da consciência crítica do cidadão, constituiu-se um dos objetivos dessa pesquisa. Cientes de que esta formação, assentada no microespaço familiar, desloca-se para um contexto macro, universal, focalizamos nossas atenções também para Duarte (2000, p. 176), que utiliza o pensamento da filósofa Agnes Heller com a finalidade de esclarecer o conceito de moral. Heller apresenta a moral como uma relação que o indivíduo estabelece com algo que faça parte de seu agir, em qualquer uma das esferas da vida social. Diz que o indivíduo sempre que age o faz numa situação específica, particular, sem se isolar, porém, de um contexto em que há exigências do coletivo.

Duarte (Ibid, p. 176) salienta que numa sociedade como a nossa, marcada pelas solicitações e atrações consumistas do capitalismo, apresentam-se dois dilemas: preparar futuros cidadãos conscientes do seu papel e, ao mesmo tempo, satisfazer às exigências do mercado, isto é, de um lado, ressaltar o valor humano e, do outro, o valor de troca. A lógica do capitalismo é econômica, o capital reproduz-se com ou sem a sanção moral: portanto, para que a educação seja efetiva, deverá mobilizar-se para a luta, defendendo o resgate dos valores que exaltem nossa condição humana.

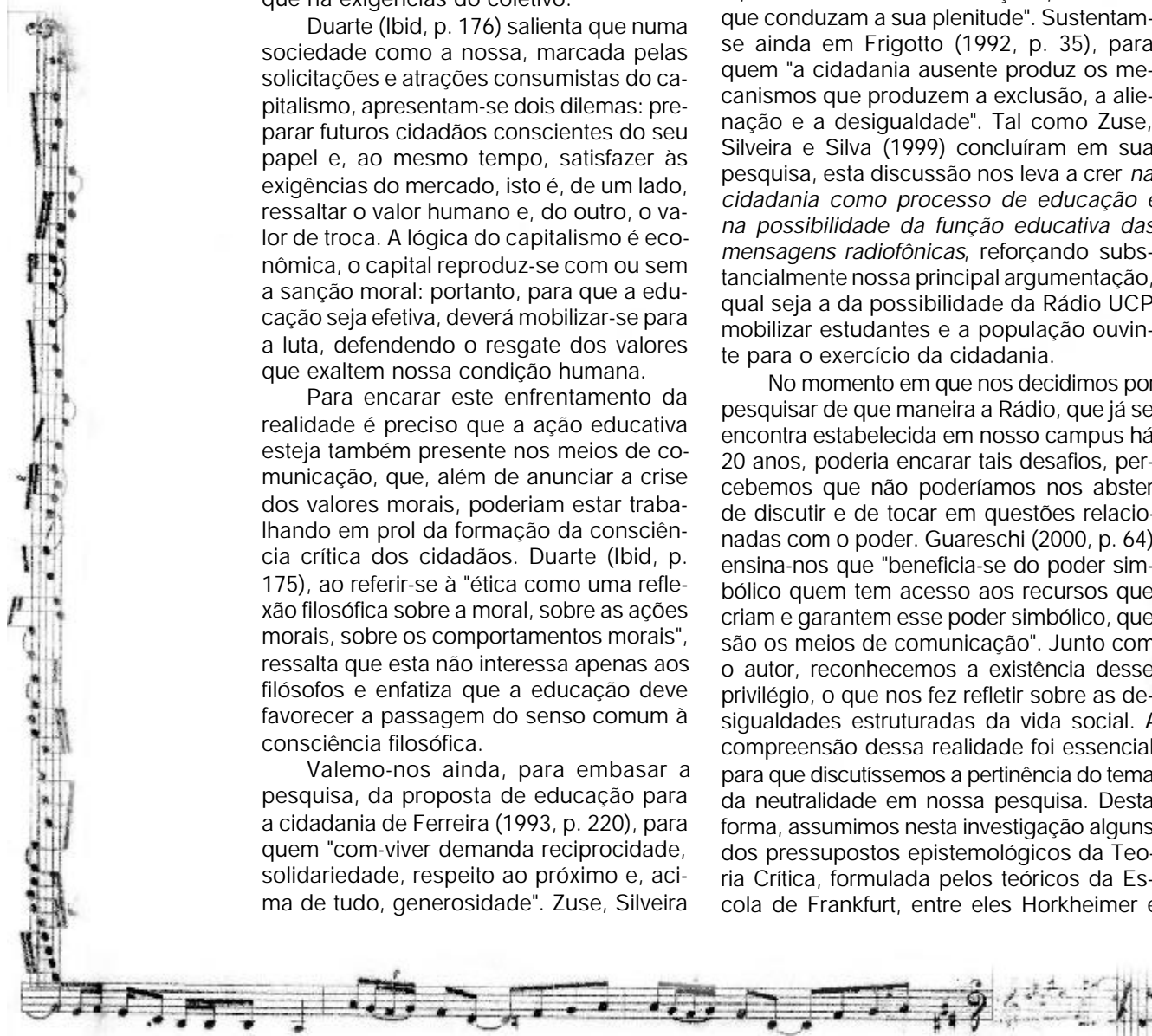
Para encarar este enfrentamento da realidade é preciso que a ação educativa esteja também presente nos meios de comunicação, que, além de anunciar a crise dos valores morais, poderiam estar trabalhando em prol da formação da consciência crítica dos cidadãos. Duarte (Ibid, p. 175), ao referir-se à "ética como uma reflexão filosófica sobre a moral, sobre as ações morais, sobre os comportamentos morais", ressalta que esta não interessa apenas aos filósofos e enfatiza que a educação deve favorecer a passagem do senso comum à consciência filosófica.

Valemo-nos ainda, para embasar a pesquisa, da proposta de educação para a cidadania de Ferreira (1993, p. 220), para quem "com-viver demanda reciprocidade, solidariedade, respeito ao próximo e, acima de tudo, generosidade". Zuse, Silveira

e Silva (1999), pesquisadoras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Rio Grande do Sul, estudaram a influência dos programas da Rádio Educativa da Universidade de Santa Maria sobre o exercício da cidadania, e os dados obtidos inspiraram este trabalho tanto quanto as idéias desenvolvidas por Monteiro e Feldman (1999), pesquisadores da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), sobre mídia-educação e cidadania.

As autoras da pesquisa da UFSM (Zuse, Silveira, Silva, 1999, p. 14) distinguem em seu trabalho vários tipos de cidadania, sublinhando, entre eles, o da cidadania conquistada. Apóiam-se em Luckesi, que descreve este tipo de cidadania como "um projeto histórico de lutas em que, para realizá-lo, necessitamos de mediações, de meios que conduzam a sua plenitude". Sustentam-se ainda em Frigotto (1992, p. 35), para quem "a cidadania ausente produz os mecanismos que produzem a exclusão, a alienação e a desigualdade". Tal como Zuse, Silveira e Silva (1999) concluíram em sua pesquisa, esta discussão nos leva a crer *na cidadania como processo de educação e na possibilidade da função educativa das mensagens radiofônicas*, reforçando substancialmente nossa principal argumentação, qual seja a da possibilidade da Rádio UCP mobilizar estudantes e a população ouvinte para o exercício da cidadania.

No momento em que nos decidimos por pesquisar de que maneira a Rádio, que já se encontra estabelecida em nosso campus há 20 anos, poderia encarar tais desafios, percebemos que não poderíamos nos abster de discutir e de tocar em questões relacionadas com o poder. Guareschi (2000, p. 64) ensina-nos que "beneficia-se do poder simbólico quem tem acesso aos recursos que criam e garantem esse poder simbólico, que são os meios de comunicação". Junto com o autor, reconhecemos a existência desse privilégio, o que nos fez refletir sobre as desigualdades estruturadas da vida social. A compreensão dessa realidade foi essencial para que discutíssemos a pertinência do tema da neutralidade em nossa pesquisa. Desta forma, assumimos nesta investigação alguns dos pressupostos epistemológicos da Teoria Crítica, formulada pelos teóricos da Escola de Frankfurt, entre eles Horkheimer e



Adorno, que direcionaram suas argumentações para a impossibilidade da neutralidade. Eles reconhecem o produto cultural como uma mercadoria de consumo – uma ideologia da sociedade industrial que passa todas as relações sociais. Para esses teóricos, a cultura não existe de forma autônoma e relaciona-se com os processos de vida econômica e política:

... em nossa época, a tendência social objetiva se encarna nas obscuras intenções subjetivas dos diretores gerais (...) os monopólios culturais são fracos e dependentes. Eles têm que se apressar em dar razão aos verdadeiros donos do poder, para que sua esfera na sociedade de massas não seja submetida a uma série de expurgos (Horkheimer, Adorno, 1985, p. 115).

Thompson segue com esses autores afirmando que toda ação implica uma ética: toda ação leva ao esclarecimento ou ao obscurecimento e à emancipação ou dominação. Sendo a Ciência também uma ação, logicamente não é possível revestir-se de neutralidade. Ele nos propõe uma concepção de ideologia fundamentada nas relações de dominação:

... é uma concepção que dirige nossa atenção às maneiras como certas estratégias de construção simbólica podem facilitar a reprodução de relações de poder, mas que requer uma investigação sistemática e detalhada dos usos concretos das formas simbólicas em contextos específicos e das maneiras como elas são compreendidas pelas pessoas que as produzem e recebem (Thompson, 1995, p. 90).

A referência que Thompson faz aos contextos específicos nos quais se produzem os significados, as diversas manifestações verbais, textuais e simbólicas e, por extensão, onde se reproduzem as relações de poder, nos motivou a buscar conhecer a evolução do conceito de cultura ao longo da história e como ele é compreendido pelos sujeitos da pesquisa que dirigem a emissora em questão. Thompson (Ibid, p. 167) nos fala, inicialmente, do sentido primitivo do termo cultura, como derivado do latim e ligado a "cultivo ou cuidado de alguma coisa, tal como grãos ou animais". Mais tarde o sentido teria se deslocado da esfera agrícola para o da mente. O termo cultura, como substantivo, referindo-se a

processo ou produto desse processo, só começa a ser visto na França e Inglaterra a partir do final do século 18 e início do século 19, grafado no início como *Cultur* e, depois, como *Kultur*, do alemão.

No começo do século 19, a palavra cultura era usada ora como sinônimo, ora em sentido oposto à idéia de civilização. Isto porque, devido à emergência do Iluminismo e à crença no progresso da era moderna, os termos cultura e civilização passaram a sobrepor-se, usando-se ambos para descrever um processo geral de desenvolvimento humano. Ser "civilizado" seria o mesmo que ser "culto". Na Alemanha, entretanto, os termos *Kultur* e *Zivilisation* opunham-se. A visão de Kant expressava bem essa oposição quando afirmava que nos tornamos civilizados quando adquirimos uma variedade de requintes e refinamentos sociais. Neste sentido, *Kultur* recebe uma conotação positiva, compreendendo produtos intelectuais, artísticos e espirituais da expressão individual e criativa das pessoas; *Zivilisation* estaria associada à polidez, adquirindo, por isto, uma conotação negativa.

*Kultur*, ou a concepção clássica alemã do termo, significando desenvolvimento intelectual ou espiritual, com ênfase em qualidades "mais elevadas" e oriundas do Iluminismo, ainda se encontra muito arraigada ao uso cotidiano da palavra *cultura*. Essa concepção clássica, dada a sua limitação e a partir do desenvolvimento da Antropologia, passou a ser substituída por outra, mais ligada à elucidação dos costumes, práticas e crenças de outras sociedades, distintas das européias.

A concepção estrutural de cultura, desenvolvida por Thompson (1995, p. 180), ultrapassa as concepções antropológica e simbólica do termo, porque estas não consideram suficientemente os problemas de conflito social e poder. É uma concepção que enfatiza tanto o caráter simbólico dos fenômenos culturais como o fato de tais fenômenos estarem sempre inseridos em contextos sociais estruturados. Na visão do autor, "os fenômenos culturais podem ser vistos como expressões das relações de poder, e estando sujeitos a múltiplas, talvez divergentes e conflitivas interpretações pelos indivíduos que os recebem e os percebem no curso de suas vidas cotidianas".

Já nos primeiros contatos do grupo de estudantes de Pedagogia com os funcionários da Rádio, e ao longo das entrevistas semi-estruturadas mantidas com o diretor,

foi possível perceber entraves que se manifestaram pela presença de elementos míticos, afetivos-religiosos, ligados a poder e prestígio. Registramos algumas destas manifestações no quarto tópico deste trabalho, quando nos dedicamos à análise dos resultados. Observações daquela época nos direcionaram para a Teoria das Representações Sociais, criada na França, na década de 60, pelo psicólogo francês Serge Moscovici (1978). A teoria das Representações Sociais sustenta a tese de que uma representação de mundo, constituída por um sistema de crenças e valores, e que não é apenas individual, mas também social, regula, justifica e fundamenta as razões para o fazer e o agir das pessoas. A função das Representações Sociais encontra-se alinhada com o princípio de fazer com que se tornem familiares categorias que são para nós desconhecidas. Tal processo, denominado por Moscovici de *ancoragem*, ocorre quando relacionamos algum fenômeno que nos é estranho com outro que nos é mais próximo.

Segundo Madeira (1991, p. 130) "a estruturação de uma representação se enraíza no processo de atribuição de sentido ao objeto". A atribuição é vista pela autora como processual, uma relação que não é definitiva, que integra informações e experiências. O real e suas partes explicam-se por uma associação de conceitos, imagens, valores, normas, símbolos e crenças. Desta forma, a doação de sentido ao objeto vincula-se às articulações da história pessoal do sujeito com as significações atribuídas ao objeto pelo outro que lhe serve de referência.

Neste estudo, o enfoque da Teoria das Representações Sociais tornou-se fulcral para explicar o sentido que o grupo pesquisado atribuía aos conceitos de educação e cultura e em que visões tais representações ancoravam-se. No locus da pesquisa, observamos comportamentos e práticas que expressam características particulares de grupos específicos que compartilham das mesmas crenças da qual se nutrem. As Representações Sociais, identificadas por Guareschi (2000, p. 78) "como um conhecimento do senso comum, socialmente partilhado que se vê na mente das pessoas e na mídia", possuem, na superfície, aparentes contradições, principalmente no que se refere às dicotomias entre o individual e o social, o consensual e o reificado, porém se formam em núcleo mais estável e permanente, baseado na cultura e

na memória das pessoas e dos grupos às quais pertencem. Identificar os fundamentos mais estáveis destes núcleos foi tarefa para a investigação a que nos propusemos, buscando apoio principalmente em Thompson (1995, p. 31), com quem caminhamos no sentido de nos aproximarmos do nosso objeto de estudo. Esta aproximação nos impeliu a uma análise que não se deteve apenas na superfície do fenômeno observado, indo além e mais profundamente no que Thompson definiu como Hermenêutica de Profundidade.

Esse referencial metodológico compreende três fases que se prestam para a análise de formas simbólicas e de fatos comunicacionais. A primeira fase ou da análise sociohistórica relaciona a dimensão espaço-temporal com o fenômeno estudado. A segunda fase é a da análise formal ou discursiva, em que podem, por exemplo, ser analisadas conversações, editoriais de jornal, programas de rádio ou de TV. A terceira e última fase da Hermenêutica de Profundidade consiste na interpretação e reinterpretção do fenômeno estudado, sintetizando e relacionando as diversas partes estudadas.

## A hermenêutica de profundidade: um caminho

Desde nossas primeiras visitas à Rádio UCP com os alunos do Curso de Pedagogia, principalmente a partir do trabalho que era realizado com eles para ilustrar as aulas-passeio da Pedagogia Freinet, surgira o questionamento:

- por que não democratizar este espaço e integrá-lo às atividades discentes?
- por que não utilizar a Rádio, para fins educativos, não só no interior da universidade, como também ampliando esta atuação para a comunidade?

Estas e outras perguntas formuladas nos levaram a crer na possibilidade desta pesquisa, direcionando-a para um objetivo final: montar um programa educativo com a participação dos corpos docente e discente, apoiada pela direção da Rádio. No entanto, ao iniciarmos nossa exploração no campo, encontramos situações que nos demoveram deste propósito.

Verificamos ser necessário alterar a metodologia a que nos propúnhamos inicialmente por depararmos com estruturas

muito rígidas que dificilmente poderiam ser alteradas, o que teria sido desejável em uma pesquisa participante, de acordo com nosso projeto preliminar.

Visualizar o homem como construtor de sua história e agente do processo educativo foram indicadores de nossos propósitos nessa investigação em que pretendíamos verificar em que medida se tornaria viável compatibilizar ação educativa com atividades de uma rádio universitária. Achamos por bem sublinhar que nosso conceito de educação vai ao encontro do que Freinet (1989, p. 13) concretizou em sua prática – para ele, toda educação deve estar a serviço do homem, homem este que será capaz de produzir frutos dignos de sua inteligência e do seu sentido social.

Pensamos que por trás de todo trabalho investigativo encontra-se subjacente uma concepção de ser humano. Aliamos a Guareschi (2000, p. 79) quando ele nos diz que "o ser humano é o resultado das milhões de relações que o vão construindo, e através das quais ele vai continuamente se transformando"; é singular, pelas suas especificidades, porém plural, porque sem os outros ele não se construiria. O autor refere-se ao conhecimento como uma superação da dicotomia sujeito-objeto. Não há sujeito conhecedor por conta própria; ele é também um produto histórico. Da mesma forma, não existe o objeto isolado do todo – há uma interação dialética entre conhecedor e conhecido. Sendo assim, nossa investigação não se situa dentro de um ponto de vista positivista, isento do sujeito, nem no de um idealismo que coloca todo o conhecimento na mente do sujeito.

Pensando de forma análoga, achamos por bem interpretar, iluminar nosso objeto de estudo pelo que Thompson (1995) denominou Hermenêutica de Profundidade, à qual já nos referimos na seção anterior. Procedemos a uma análise sociohistórica do rádio no Brasil e da Rádio UCP inserida naquele contexto. Tal procedimento permitiu verificar que a formação das representações para *cultura* e *educação* ocorreu sob a forte influência de regimes de governo autoritários e militares, isto é, o rádio foi criado no Brasil durante o governo Vargas e a Rádio UCP foi fundada na década de 80, antes da abertura à democracia. Além desses aspectos, tornamos-nos cientes da importância de entender como se processam e como são recebidas as mensagens



radiofônicas, realizando a investigação em dois níveis. No primeiro, a partir dos receptores, efetuando uma enquete com 169 estudantes e 50 professores de diferentes cursos da universidade, entrevistas telefônicas com 101 moradores da cidade e análise de cartas de ouvintes; além disso, interpretamos falas, desenhos e textos produzidos por estudantes quando visitaram o estúdio da Rádio, os quais foram os reais disparadores da problemática pesquisada. No segundo nível, a partir dos emissores, analisando a programação e entrevistas semi-estruturadas com a equipe da UCP-FM.

## Apresentação e análise dos resultados

Nesta parte, apresentamos os resultados das enquetes e das análises de documentos já citados e das entrevistas e depoimentos colhidos. Para delinear o perfil do ouvinte da Rádio UCP, tivemos como balizamento os questionários aplicados aos estudantes e professores da universidade e as cartas dos ouvintes fornecidas pela direção da Rádio. A leitura e interpretação das cartas possibilitaram-nos deduzir em parte o perfil do ouvinte, autorizando-nos a afirmar que:

- tratamento entre ouvinte e locutor ocorre em níveis bastante pessoais, na maior parte das cartas examinadas;
- os ouvintes são pessoas mais velhas e solitárias que encontram na Rádio mensagem de conforto. Estas se dirigem ao

locutor/diretor de forma pessoal, amigável, agradecida;

- número considerável de ouvintes corresponde-se constantemente com a Rádio;

- há críticas a respeito do excesso de música orquestrada e à falta de grandes nomes da música popular brasileira mais recente.

Por intermédio dos questionários, buscamos identificar o nível de interação dos universitários e dos docentes com a Rádio. As respostas nos levaram a observar que:

- os universitários, na sua maioria, não ouvem a Rádio UCP porque a programação oferecida não lhes agrada;

- a reduzida parcela dos que ouvem o fazem quando estão no trabalho e no ônibus;

- gostariam de ouvir músicas da atualidade e gêneros diversificados;

- para grande parte dos entrevistados, a função da Rádio é proporcionar lazer e informação. Educar, promover debates, aceitar participação dos alunos, esclarecer e veicular conhecimento, divulgar projetos da UCP, também foram funções enfatizadas para o desempenho da Rádio, na opinião de significativa parcela de estudantes;

- professores que concordaram em participar da pesquisa, ao se pronunciarem sobre qual seria a função da rádio, destacaram que *educar, promovendo campanhas e debates*, deve constituir a essência da programação da emissora;

- expressivo número de universitários considera que a Rádio deve informar sobre cursos e estágios.

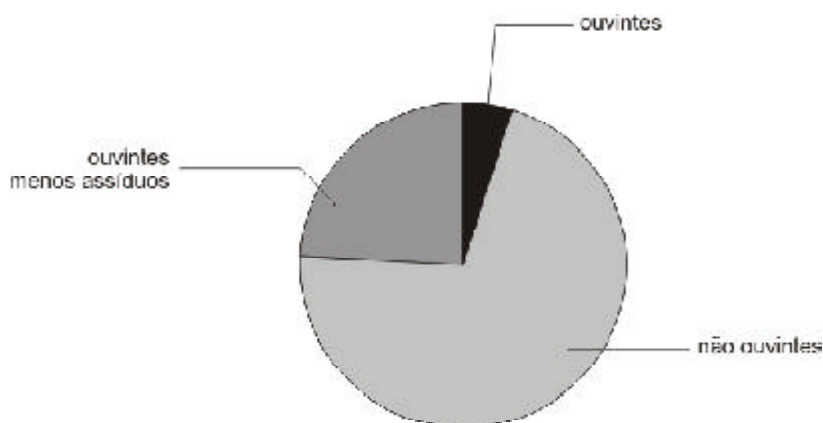


Gráfico 1 - Audiência da Rádio UCP entre os universitários

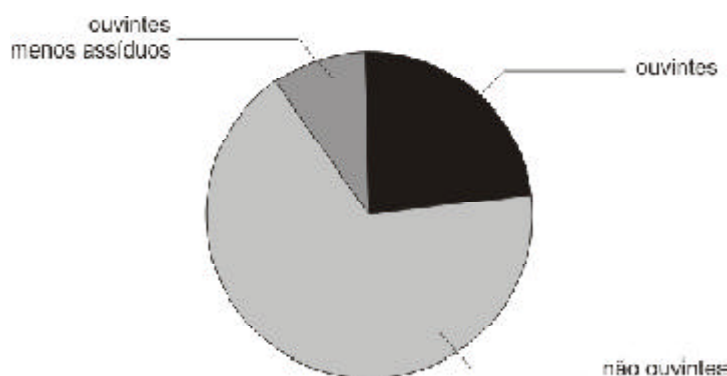


Gráfico 2 - Audiência da Rádio UCP entre os moradores do Centro e bairros periféricos



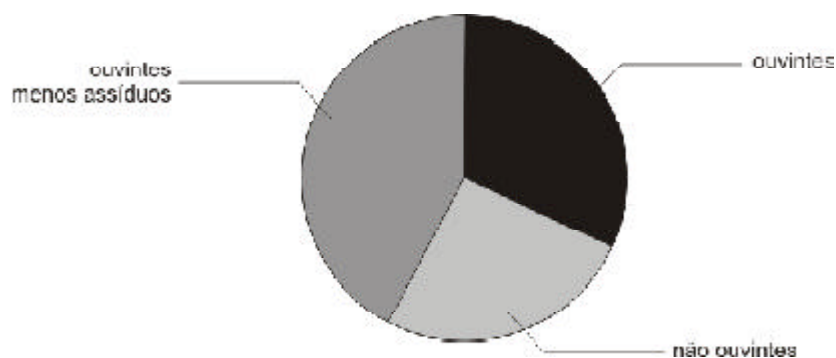


Gráfico 3 – Audiência da Rádio UCP entre os docentes

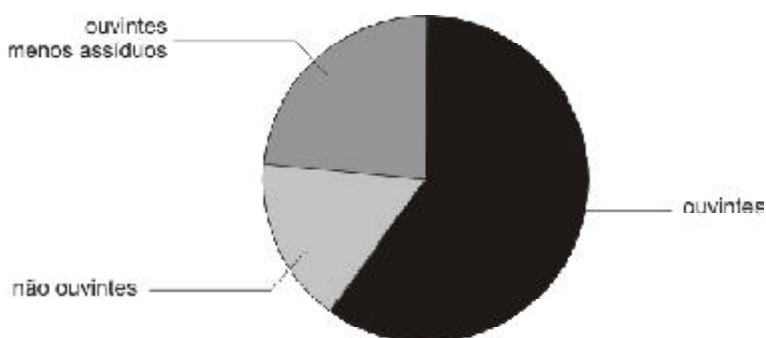


Gráfico 4 – Audiência da Rádio UCP entre os consultórios médicos da cidade

A constatação da existência de programas elaborados por estudantes de Letras e de Direito, em passado recente, confirmam hipóteses dessa pesquisa, quais sejam, as de acreditar no desejo da comunidade estudantil em participar, interagir, com esse poderoso veículo de comunicação, disponível em nosso campus universitário. A identificação dos motivos que provocaram a descontinuidade desses programas, analisada em conjunto com o conteúdo dos textos e desenhos elaborados pelos universitários, nos fez retornar a Thompson (1995), porque entendemos como *ideológico* o alheamento da equipe da Rádio diante do engajamento dos estudantes.

Conhecer o contexto sociohistórico da criação do rádio no Brasil e o da fundação da Rádio UCP, em particular, foi essencial para empreender uma leitura mais acurada dos fundamentos ideológicos que mobilizam as ações da emissora em questão, levando-a, ainda hoje, a manter, em sua rotina diária, características da época dos primórdios do rádio: os noticiários "sem comentários" da "Era Vargas" e a predominância da música

erudita, como nas décadas de 20 e 30. Quando surgiu, o rádio era um aparelho acessível apenas às elites, justificando-se, em parte, o direcionamento das programações para as camadas mais favorecidas da população. Um relatório fornecido pela direção da Rádio esclarece que o compromisso da emissora é com informação e cultura, traduzida principalmente na divulgação de boa música. A informação limita-se a notícias selecionadas pela direção da Rádio, entre as que são publicadas nos jornais do dia e na Internet.

Nossa análise interpretativa, baseada na Teoria das Representações Sociais, indicou quais são as *Representações* que a direção da Rádio tem para *Cultura* – uma visão ancorada numa concepção eurocêntrica, hegemônica e a consideração de uma superioridade cultural da música produzida no exterior, principalmente Europa e Estados Unidos. Matéria publicada na Tribuna de Petrópolis do dia 29/4/2001 é um testemunho do posicionamento que norteia o trabalho desenvolvido na emissora: "Somos um repositório de cultura musical. Recebemos auxílio por meio de convênios com a Rádio



Deutsche Welle (alemã), a Rádio Internacional Francesa e a Rádio Nacional da Suíça e Suécia, que enviam CDs e fitas gravadas".

## Reflexões finais e conclusões

Reflexões e conclusões a partir de nossos próprios pressupostos, das leituras e observações de situações com as quais convivíamos cotidianamente nas salas de aula e nos demais espaços da universidade nos reportaram ao convite de Freinet, enunciado nas primeiras páginas do estudo, de trazer "a vida" para esse lugar ainda demarcado por limites e fronteiras, simbólicas ou não, ao qual ousamos chamar de universidade.

Enquanto nos debruçávamos nas obras que selecionamos para dar maior consistência à pesquisa, acompanhávamos atentamente acontecimentos do País e do mundo, o que nos encorajou progressivamente ao interesse pelo tema que abraçamos. Testemunhamos, momento a momento, o caso do estabelecimento de práticas que visam o bem coletivo e, em contrapartida, a expansão dos valores exclusivamente mercadológicos, consumistas, homogeneizantes, globalizados. A imprensa, em suas variadas formas de expressão, tem se ocupado predominantemente da criminalidade-marginalidade, corrupção-omissão e dos abismos quase intransponíveis entre pobreza e riqueza. Vimos surgir clamores e apelos por mudanças e indignação com questões que igualmente nos inquietam: a luta pela cidadania e o compromisso ético com o resgate dos valores que possibilitem salvaguardar a dignidade do ser humano.

Ao término do trabalho, concluímos ser válido alterar o principal objetivo traçado ao iniciá-lo. Tal seria o de criar um programa educativo, editado por alunos e professores do Curso de Pedagogia. Justificamos com Sodré (1996, p. 98), para quem a mídia, para ser educativa, deverá fazer uso das "novas tecnologias informacionais incorporadas a uma revisão pedagógica".

Para viabilizar tal proposta, necessitaríamos de um trabalho compartilhado com a equipe de comunicadores da Rádio UCP, que subsidiando-nos tecnicamente, estaria incentivando o alcance da autonomia e a prática da cidadania entre os estudantes da instituição. A visão de Sodré constituiu-se aporte fundamental para que reformulássemos as metas almejadas.

A pesquisa apontou para caminhos distintos daqueles enveredados pelos que se encontram coordenando as atividades da 106,3 FM: a comunidade universitária, representada por seus docentes e graduandos, apela à emissora para revitalizar técnicas de transmissão e renovar estilos de emissão das mensagens. Solicita voz para expressar anseios, realizações e questionamentos da comunidade como um todo. Vimos em nosso referencial teórico que o exercício da cidadania supõe escuta, participação e pronunciamento: o cidadão intervém nos acontecimentos na medida em que a sociedade, por meio de seus atores sociais, lhe oferece oportunidades de diálogo, isto é, de articular sua *palavra* com a dos outros.

Informações, opiniões, depoimentos foram fundamentais para que empreendêssemos uma leitura mais aprofundada da realidade pesquisada e nos autorizam a inferir que a 106,3 FM não poderia restringir-se a ouvintes ocasionais de consultórios médicos e restaurantes ou a um público mais elitizado e maduro. Argumentamos que uma rádio universitária, "difusora da cultura e da educação", coerentemente com esses objetivos proclamados, deveria expandir suas fronteiras, ir além dos territórios já conquistados. Conclusões dos participantes do Fórum Mídia e Educação (2000, p. 26), ocorrido em novembro de 1999, em São Paulo, corroboram tais inferências por definirem o *ato de educar* como:

... um processo de formação contínua e permanente para o exercício da cidadania. Acontece nos mais diversos espaços: escola, família, comunidade, trabalho, entre outros. Prepara o cidadão para pensar, refletir e analisar o mundo de forma crítica, reconhecendo as diversidades e contribuindo para superar as desigualdades sociais.

Nossa caminhada, em parceria com Thompson, foi essencial para efetuarmos a "garimpagem" dos dados encontrados no *locus* da pesquisa. Vimos com ele, desde o início, que, no momento histórico em que vivemos, poucas são as sociedades imunes à circulação das formas simbólicas mediadas pelos meios de comunicação de

massa. A compreensão desse fato emergiu como indicação de alternativas para que atividades do curso de Pedagogia adquiram as funções do dinamismo que as caracteriza. A inserção de universitários desenvolvendo projetos no espaço radiofônico criaria novos sentidos para trabalhar-se em disciplinas como Educação de Jovens e Adultos ou Educação a Distância, só para citar alguns exemplos, o que atenderia a uma demanda apontada pelos resultados da pesquisa – esperança que se nutre nos seguintes termos propostos por Thompson (1995, p. 426): "os indivíduos são agentes autorreflexivos que podem aprofundar a compreensão de si mesmos e dos outros. Podem, a partir desta compreensão, agir para mudar as condições de suas vidas".

---

## Referências bibliográficas

- DUARTE, Newton. Educação e moral na sociedade capitalista em crise. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 10., 2000, Rio de Janeiro. *Ensinar e aprender: sujeitos, saberes, espaços e tempos*. Rio de Janeiro: UFRJ: DP & A, 2000. p. 175-189.
- DUSKA, Ronald; WHELAN, Mariellen. *O desenvolvimento moral na idade evolutiva: um guia a Piaget e Kohlberg*. São Paulo: Loyola, 1994. 123 p.
- FERREIRA, Nilda Teves. *Cidadania: uma questão para a educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 264 p.
- FÓRUM Mídia e Educação: perspectivas para a qualidade da informação. Brasília: Andi-MEC, 2000. 80 p.
- FREINET, Célestin. *Ensaio de psicologia sensível*. Lisboa: Presença, 1976. 112 p.
- \_\_\_\_\_. *A educação pelo trabalho*. Lisboa: Estampa, 1978. 99 p.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia do bom senso*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 125 p.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Cidadania, tecnologia e trabalho: desafios de uma escola renovada. *Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 102/103, p. 4-10, jul./ago. 1992.
- GUARESCHI, Pedrinho. *Os construtores da informação: meios de comunicação, ideologia e ética*. Petrópolis: Vozes, 2000. 380 p.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. 254 p.
- MADEIRA, Margot Campos. Representações sociais: pressupostos e implicações. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 72, n. 171, p. 129-144, maio/ago. 1991.
- MONTEIRO, Eduardo; FELDMAN, Márcia. Mídia: educação e cidadania na era da informação. *Pátio: Revista Pedagógica*, Porto Alegre, v. 3, n. 9, p. 38-41, maio/jul. 1999.

- MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 232 p.
- SODRÉ, Muniz. *Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos*. Petrópolis: Vozes, 1996. 180 p.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995. 427 p.
- ZUZE, Adélia; SILVEIRA, Maria Joanete; SILVA, Maria Virgínia dos S. A Rádio Educativa na formação da cidadania. Qual a sua influência? *Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 145, p. 11-23, abr./jun. 1999.

---

Recebido em 4 de janeiro de 2002.

Natercia de Souza Lima Bukowitz, mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP), é professora do curso de Pedagogia dessa Universidade.

---

## Abstract

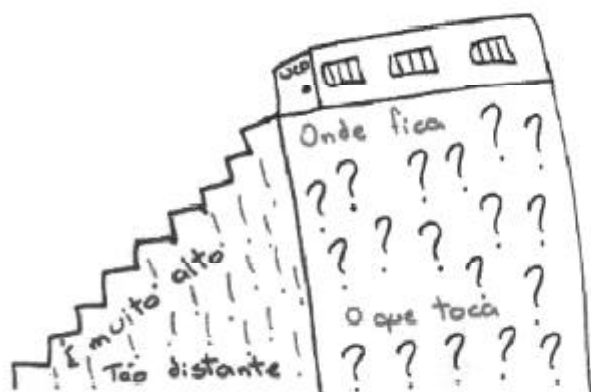
*The visit of the students to be graduated in Pedagogy to the studio of Radio UCP has been happening on the context of "journey-classes", an experience conceived by Freinet, raising questions related to the possibility of pedagogical usage of this Radio. An insertion of university students would lead its listeners to a citizenship exercise, hypothesis of this study. Situations related to beliefs, status and power remitted us to the Theory of Social Representations. Looking for methodological support in Hermeneutics of Depth, the investigation occurred in two levels: from the emitting and receptors of the messages. Opinions coming from the broadcasting station co-ordinator allowed us to identify the ideology underlying to the background of representations to "culture" and "education". Results revealed existence of logical consistency between contents spread throughout the programme and ideology that makes itself present on the centralising administration of the broadcasting station. Rates of audience points out a need of rewording messages - claimed by researched groups - in defense of a Radio that promotes citizenship, outspreading culture and education.*

*Keywords: radio; citizenship; culture; ideology; education.*

---

## ANEXO

A seguir expomos uma seleção de trabalhos criados por estudantes da Universidade, por ocasião de visitas ao estúdio da Rádio UCP. São expressões lingüísticas e imagéticas e, portanto, simbólicas que por si só representam interpretações da realidade pesquisada.



A rádio é distante dos alunos em todos os sentidos. Sempre soube que ela existia, mas desconhecia sua frequência e a sala onde ficava. A programação deveria ter como público alvo os alunos: divulgando os eventos, promovendo debates, etc.

No mundo de hoje, onde todos falam sobre a liberdade de expressão, encontramos lugares que vivem em uma era em que a liberdade é a realidade.

Sabemos que os meios de comunicação têm um direito de expressão. Com um nível tão elevado como a mídia, podemos mostrar muitas coisas, zombar, criticar e criar. As barreiras sobre o nível da liberdade têm que acabar para que não fiquem no impasse.

Está na hora em que as mudanças e o poder têm que ser compartilhados e dar seu lugar às pessoas que querem realmente prosperar.

